

Cousin cousin!
Uma peregrinação ao coração das trevas católicas

Ramon Sarró

Instituto de Ciências Sociais

Como se escolhe um terreno etnográfico? No meu caso, foi uma peregrinação que me atraiu à costa da Guiné-Conacri, e foi essa peregrinação que, como uma raquete de ténis faz a uma bola, me redirigiu depois a um terreno diferente: o dos bagas, sobre os quais escrevi a minha tese e um livro mas dos quais, desta vez, quase não falarei. Irei recordar, em vez disso, a peregrinação que actuou como catalizador serendipitoso no meu encontro com eles e tentar exorcizar a enorme ambivalência com que me relaciono com ela desde há muitos anos...

Em 1991, quando comecei a pensar na possibilidade de fazer uma tese em antropologia e de ir para a África Ocidental, a Guiné-Conacri foi um dos países que o meu orientador, Phil Burnham, sugeriu. Por intermédio de um amigo seu, o antropólogo recentemente falecido Claude Tardits, fui a Paris e conheci Roger Botte, naquele tempo um dos pouquíssimos antropólogos que tinham feito trabalho de campo na República da Guiné, um país que se ia abrindo ao mundo ocidental depois de ter estado fechado durante os anos do regime socialista de Sékou Touré (1958-1984). Roger foi um fantástico iniciador ao mundo guineense. Explicou-me, entre muitas outras coisas, que na costa da Guiné há uma cidade onde se realiza anualmente uma peregrinação, o que atraiu particularmente a minha atenção. Roger Botte não trabalhava sobre a costa e por isso não pude averiguar com ele que género de peregrinação era aquela, mas por qualquer motivo pensei que se trataria de algum tipo de culto sincrético. De qualquer maneira, pensei então (erradamente), a natureza do culto era secundária. O que me interessava era o tema da peregrinação em si, tema que tinha estudado em Londres com

Glenn Bowman e que me fascinara. E pensei (acertadamente) que uma peregrinação na África Ocidental poderia ser uma excelente maneira de começar um terreno antropológico naquela parte do mundo. Por intermédio de Botte, a Universidade de Conacri convidou-me a visitar o país e, mais concretamente, a realizar uma investigação sobre a cidade de Boffa, onde se realizava a tal peregrinação. Na sua carta, o decano da Faculdade de Letras sugeria-me que programasse a visita para finais de Abril, para coincidir com o período da peregrinação. Contudo, não esclarecia de que tipo de peregrinação se tratava.

Dada a ausência quase total de bibliografia sobre a Guiné, uma das estratégias a que quem se interessava por este país em começos da década de 1990 podia recorrer era ler trabalhos sobre países vizinhos: Guiné-Bissau, Serra Leoa, Libéria, Mali e outros. Li tudo quanto pude sobre estes países circundantes e, por fim, aceitando um amável convite de Paul Richards, grande especialista na Serra Leoa e meu professor no University College London (UCL), em Março de 1992 viajei com ele a Freetown. Passei aí uns dias com ele e depois apanhei um barquito que me levou à Guiné, onde, qual Perceval demandando o Graal, tinha de procurar a cidade de Boffa e averiguar acerca da sua misteriosa peregrinação.

Foi em Conacri, porto onde desembarquei, que começaram a falar-me de Boffa com mais detalhe e em termos mais concretos. No próprio escritório da Direcção Nacional de Investigação Científica, onde tive de ir para obter uma autorização de pesquisa e uma Ordem de Missão para me dirigir a Boffa, trabalhava uma funcionária que me falou muito desta cidade e da sua santidade. Soube então que Boffa, situada cerca de 130 quilómetros a norte de Conacri, é o centro de catolicismo mais importante do país, e um dos mais antigos de África. “Que fazem as pessoas em Boffa?”, perguntei à funcionária. “Rezamos”, respondeu ela. “Não fazemos senão rezar: rezamos, rezamos e rezamos.” Segundo me explicou, a Boffa vai gente de todo o país e até de países circundantes. As paróquias de Conacri empreendem a peregrinação na semana anterior. Caminham durante cinco dias, chegam lá quarta-feira à noite, quinta os peregrinos rezam, sexta rezam, sábado rezam e domingo (tem de ser sempre o primeiro domingo do mês de Maio) há uma missa solene celebrada pelo arcebispo de Conacri. Depois desta missa, durante a tarde de domingo, cada um inicia a sua viagem de regresso à aldeia ou cidade de onde veio, totalmente regenerado por tanta oração.

Devo confessar, se o verbo não é exagerado, que a perspectiva de mergulhar numa peregrinação católica já não me atraía tanto como o tipo de cultos sincréticos que a princípio pensava que iria encontrar, mas apesar

disso tinha de ir conhecer aquele lugar que começara a fascinar-me. Depois de conseguir a minha autorização de pesquisa e a minha Ordem de Missão, apanhei um táxi e iniciei a minha aventura. Estávamos em fins de Março e faltava portanto um longo mês para a peregrinação, mas eu queria conhecer o local em tempos profanos e calmos antes de o visitar durante os dias da peregrinação, que imaginava muito efervescentes e confusos.

Boffa é uma cidade situada num dos Rios da Guiné, ou seja, num dos braços de mar que, em tempos pré-coloniais, avançavam pelo continente adentro com umas mãos famélicas ávidas por arrancar a riqueza das suas entranhas: em particular, a riqueza humana. Com efeito, Boffa foi um dos portos de tráfico de escravos mais importantes da África Ocidental e uma porta de entrada para o interior do continente, o grande ponto de encontro entre os impérios europeus e o império islâmico do Fouta Djallon, situado somente a 200 quilómetros da costa. Como centro histórico, é realmente fascinante, e surpreende bastante que tenha sido tão pouco estudado, embora as coisas estejam começando a mudar e haja agora esforços para compreender melhor a cidade e a sua história, inclusivamente para convertê-la num centro de património histórico e de memória do ignominioso comércio humano.

Dormi numa pensãozeca chamada “Emmanuel”. André, o filho do proprietário, introduziu-me na fantástica geografia humana daquela cidade, e na manhã seguinte levou-me à Missão Católica e ao santuário onde iria celebrar-se o culto. Aí fiquei a conhecer os elementos mais significativos do local: a Cova da Virgem, o Cemitério dos Missionários, a Igreja, a Estátua de São José Operário e a Missão propriamente dita, ou seja o alojamento dos missionários e a escola. A Cova da Virgem era mais ou menos uma cópia da do Santuário de Lourdes. O meu sentimento de decepção, que começara em Conacri, ia aumentando. Tinha ido para África em busca de um certo exotismo e deparava-me agora com uma cópia, exacta e quase *prêt-à-porter*, da cultura católica *kitsch* em que fora criado na Catalunha. Foi para isto que vim para tão longe?, pensava. Para estudar um culto católico tão ortodoxo, bastava-me ficar em Barcelona e ir ao Santuário de Montserrat, onde ao menos a Virgem era negra... Muito mais interessante que a Missão e a sua Cova de fancaria pareceu-me Boffa em si, um verdadeiro laboratório para a sociologia e a historiografia da crioulização africana.

Fiquei uns três dias em Boffa e depois fui dar uma volta por outros lugares do país. Quando, ao fim de um mês, começou a peregrinação a Boffa, à qual compareci pontualmente, confirmei, como já o temia, que o culto em Boffa era idêntico ao de todos os outros centros de peregrinação

católica que já conhecera. Não gostei nada. É possível fazer trabalho de campo sobre um lugar de que não gostamos? O antropólogo, pensava eu então, estuda a diversidade humana e não possui ferramentas para estudar a mesmidade. Em Boffa não havia portanto nada para estudar. Em vez de um ligeiro *choque* cultural, como costumam ter os antropólogos ao iniciar um terreno, tive um verdadeiro *acidente* cultural, produzido pelo encontro não com uma diferença mas com uma igualdade absolutamente insuportável. Era como estar em Montserrat, ou em Lourdes, ou na catedral de Saragoça num escaldante domingo de Maio com algumas das minhas católicas tias ou avós. Eu não tinha ido para África para me encontrar com aquilo! Eu queria África, reclamava África, exigia África! Tudo aquilo era como uma espécie de anti-serendipidade e, para tornar as coisas ainda mais católicas, fazia sentir-me culpado. Como era possível que eu, antropólogo em formação no UCL, leitor da *Critique of Anthropology*, crítico em relação aos discursos orientalistas, sucumbisse ao fascínio pelo exótico e fosse incapaz de achar interessante um culto católico em África? Como era possível que não tivesse considerado esse objecto etnografável e que me encontrasse explicando a mim mesmo tolices do género que o antropólogo tem de estudar a alteridade e não a mesmidade? Além disso, como era possível eu ter achado que tudo aquilo não era “africano”, se estava em pleno coração de África? África, pensava eu, não é nada mais que um mero *signifiant flottant*, e qualquer coisa que um africano faça é africana por definição; isto é um mero juízo analítico, e é tão certo como qualquer forma de somar dois mais três ter de dar cinco. Com a consciência corroída por esta autocrítica e por esta culpabilidade epistemológica, propus-me, conscientemente, achar aquilo interessante, deixar-me de histórias e pôr mãos à obra para fazer trabalho etnográfico sobre tudo aquilo. Não o consegui. Foi, sem dúvida, o meu maior fracasso profissional.

Tenho de adiantar-me para acrescentar que, apesar de tudo, como insinuei no início deste relato, se houve alguma coisa proveitosa naquela visita a Boffa em 1992 é que foi ali precisamente que conheci um grupo de jovens bagas e foi esse o meu primeiro contacto com esta etnia, junto da qual me instalei mais tarde (a partir de Abril de 1993) e com a qual acabei por fazer a minha tese e quinze longos anos de carreira profissional. Por isso, aquela visita a Boffa adquiriu um lugar muito caro na minha memória e associei-a a uma sensação muito prazenteira. Mas tirando o encontro com os jovens bagas, que ocorreu no último dia do culto, a visita foi decepcionante, frustrante e, sobretudo, foram quatro dias de um aborrecimento de proporções cósmicas tão indescritíveis que até agradeço tê-lo sentido.

Nunca na minha vida voltei a estar aborrecido, e espero nunca mais voltar a está-lo. Chegava a parecer-me, como devia parecer também aos devotos católicos, embora por razões diferentes, que o tempo tinha parado em Boffa.

Apesar do desgosto inicial, e como parte da minha investigação entre os bagas (que vivem não muito longe), desde 1992 fui muitíssimas vezes a Boffa e é um lugar onde cheguei a sentir-me muito confortável e onde fiz grandes amizades. Em concreto, em Boffa conheci um dos melhores historiadores do país, o malgrado George Pascal Sorry, com quem tanto aprendi acerca da complexa estrutura social e histórica daquele lugar onde, como ele me dizia, toda a gente se lamentava de alguma coisa: ou de ser descendente de escravo, ou de ser descendente de traficante de escravos. *Moi, je m'apelle Sorry, mais je ne regrette rien*, acrescentava, enigmáticamente, o bom George Pascal, sem nunca desvelar em que lado do deplorável panorama se situavam as suas origens. Estive em Boffa em alturas de peregrinação e, sobretudo, durante períodos profanos. Das várias peregrinações a que assisti, uma coisa aprendi: que a afirmação da funcionária da Direção Nacional de Investigação Científica, segundo a qual “não fazemos mais que rezar”, era, pelo menos, exagerada. É certo que em Boffa se reza muito, mas também se fazem muitas outras coisas: bebe-se, fuma-se, conversa-se, compra-se, vende-se e ama-se. Sobretudo ama-se. Em 1996, por exemplo, fui a Boffa com o meu amigo Antoine. Logo ao chegar, numa quarta-feira à noite, o rapaz conheceu uma rapariga e desapareceu da minha vista. Os velhos bagas que nos conhecem não paravam de perguntar por ele. “Onde está o teu amigo Antoine?” “Não sei – respondia eu, escondendo a minha embaraçosa convicção – deve estar a acender alguma vela na Cova, ou talvez no Cemitério dos Missionários, ou a rezar junto à estátua de São José Operário, ou dentro da igreja...” Na realidade, claro, Antoine passou quatro dias fechado num quarto da única pensãozeca de Boffa, a Emmanuel, com a sua nova amiga católica. Quando reapareceu, domingo de manhã, na missa do arcebispo de Conacri, alguém lhe perguntou: “Então Antoine, rezaste muito estes dias?” “Ah sim – respondeu ele – fartei-me de rezar”.

Esta hipocrisia não me incomodava. Cresci num país católico e estou acostumado ao discurso dúplice dos católicos, tal como ao facto indiscutível de que as peregrinações católicas facilmente se tornam ocasiões de encontros sexuais, além de religiosos. Direi mesmo, sem intenção de ofender, que me parece bem que assim seja; agrada-me que o sagrado seja ambivalente, indefinível e que não cesse de nos surpreender. Neste caso, contudo, lamentei-o por Christine, a esposa de Antoine, que, muito mais devota que o

marido, sacrificara a peregrinação e ficara em casa cuidando dos filhos para que ele pudesse ir rezar a Boffa...

Em 2001 voltei a passar por Boffa durante a peregrinação, de regresso a Conacri depois de dois meses de terreno nas aldeias bagas. A última vez que tinha estado numa peregrinação de Boffa fora em 1997. Desta vez, em 2001, ia com o meu amigo David Berliner, conhecido na Guiné como Daouda Kontofili, etnógrafo dos bagas, como eu, embora com muito menos paciência que eu para a hipocrisia católica, por causa da sua ascendência judaica. Kontofili não queria passar sequer uma noite ali, mas eu por mim queria voltar a experimentar Boffa, e convenci-o a ficarmos pelo menos uns dias. A peregrinação tinha mudado muito durante aqueles quatro anos de ausência, para não falar desde 1992, quando a conheci pela primeira vez. Estava muito mais massificada e comercializada que nove anos antes, e os padres das missões lamentavam, e denunciavam nos seus sermões, que já quase ninguém ia a pé a Boffa, iam todos de carro (claro que este é outro exemplo de hipocrisia católica, neste caso da hierarquia; aquilo que incomoda os padres, disseram-me os meus amigos mais devotos, não é as pessoas agora irem de carro, mas sim o facto de já não serem *eles* os únicos a ir de carro...). Havia também muito mais gente vendendo de tudo um pouco nas imediações do santuário: desde imagens da Virgem a camisolas e pratos de arroz ou pão com espetadas de carne.

No meio daquela confusão, na noite de quarta-feira, enquanto David e eu conversávamos com o meu católico amigo Antoine (o mesmo que tanto rezara em 1996) e as quatro raparigas com quem ele viera em peregrinação (tão católicas como ele, e como a sua esposa, que Antoine inteligentemente voltara a deixar em casa), de repente ouvimos uma mulher gritar: “*cousin, cousin!*”. E logo outra vez: “*cousin, cousin!*”.

“*Cousin*” (primo) é uma palavra que se ouve muito na Guiné, muito mais que qualquer outro termo de parentesco. É uma forma que os guineenses têm de construir redes sociais e humanas, e é usada em francês mesmo por pessoas que não falam esta língua. Chamar *cousin* a alguém, mesmo que não seja um parente (ou precisamente por não o ser), é uma maneira de se aproximar um pouco dessa pessoa, de forma parecida àquilo que nós os espanhóis fazemos quando perguntamos uns aos outros “*Qué pasa, tío?*” mesmo que não haja nenhuma relação de tio-sobrinho entre nós. Por isso, ouvir a expressão *cousin* num centro de peregrinação não me surpreendeu de todo. Pensei que se tratava de um exemplo daquilo a que Victor Turner chamou *communitas*, o sentimento de pertença a uma mesma humanidade que, segundo o antropólogo britânico, emerge nos cultos religiosos e

especialmente nos centros de peregrinação. Pensei que estávamos perante o espírito mais humano de Boffa. Não podia estar mais enganado.

Com efeito, rapidamente nos apercebemos de que a mulher que gritava “*cousin, cousin*” não estava a *chamar* alguém em particular, como a princípio nos parecera, mas sim a *anunciar* qualquer coisa. Estava a atrair clientes. Aproximámo-nos para ver o que era que ela anunciava a altos berros. A mulher estava num cruzamento, já fora do perímetro da Missão. “Que vende você?”, perguntámos-lhe. Ela, muito simpática, abriu a tampa de uma caçarola gigante que continha uma quantidade desmedida de carne. Ver tanta carne junta chegava a provocar náuseas, até a carnívoros vorazes como nós.

– *Isto é o que eu vendo* – disse ela –, carne de macaco.

– Macaco? Mas porque é que grita *cousin*, mulher? – perguntei-lhe alarmado.

– Pois então, como os muçulmanos dizem que não se pode comer carne de macaco, porque os macacos, dizem eles, são nossos primos, eu anuncio que estou a vender “*cousin*”. E voltou a gritar, anunciando a sua venda: “*Cousin, cousin!*”

De repente compreendi tudo. Durante anos tinha acreditado no bonito discurso oficial da *communitas boffae*. Todos os cristãos que ali iam me diziam que não tinham nenhum problema com os muçulmanos. Sabem bem que Boffa é, numericamente falando, terra muçulmana. Historicamente seria difícil saber o que chegou antes, se o Islão ou o cristianismo. Provavelmente chegaram ambos mais ou menos ao mesmo tempo: o cristianismo com os compradores de escravos e o Islão com os vendedores, por muito que ambas as religiões preguem discursos sobre a fraternidade humana. Somos todos irmãos aos olhos de Deus. Para os muçulmanos, além disso, os macacos são nossos primos.

Que os macacos sejam nossos primos não é algo que esteja escrito no Corão, mas é uma interpretação bastante corrente entre muçulmanos da África Ocidental e seguramente entre os da Guiné. Talvez seja uma interpretação através da qual o Islão tenha procurado ser mais conciliador com crenças locais pré-islâmicas do que o cristianismo, pois é certo que nas cosmovisões tradicionais existe uma continuidade entre macacos e homens que o cristianismo rejeita de todo. Entre os bagas, que praticamente exterminaram os macacos que viviam nas suas redondezas (conforme pude reconstruir conversando com velhos caçadores, até há pouco tempo havia na zona pelos menos seis espécies de cercopitecos distintas, sem contar com os cinocéfalos e os chimpanzés, também extintos), foram os missio-

nários católicos, acérrimos inimigos da cosmovisão darwiniana, como é sabido, quem lhes ensinou que macacos e homens nada têm em comum e que portanto os primeiros podem matar-se, e além disso que a sua carne é muito saborosa. Os muçulmanos, por seu lado, seguem os conselhos dos imãs e dos ulemas e não os matam nem os comem, considerando que são, de alguma forma, nosso parentes. Curioso, não vos parece?

Segundo muitos críticos de Victor Turner, aquilo que ocorre nos centros de peregrinação não é exactamente a *communitas*. Esta surge apenas no discurso, mas na prática há pequenos mecanismos de exclusão, quase imperceptíveis, através dos quais é a *comunidade* e não a *communitas* que se conserva com firmeza. Turneriano como sou, nunca imaginei que estes críticos (entre os quais se contava o meu professor Glenn Bowman, com quem nunca quisera estar de acordo neste ponto) pudessem ter tanta razão, mas agora não tinha outro remédio senão dar-lha. Aquilo que eu estava a ver neste caso era como a comunidade católica mantinha os limites simbólicos do terreno conquistado aos muçulmanos. No discurso, claro, os muçulmanos são muito bem recebidos: esta é a casa do Senhor, e o Deus dos cristãos é o mesmo dos muçulmanos. Na prática, porém, vejamos: quantos de nós participaríamos numa cerimónia alheia na qual os participantes realizassem actos que, do nosso ponto de vista, pudessem ser interpretados como homófagos? Os antropólogos sabem que não há nada que construa comunidade de forma tão efectiva e indissolúvel como a partilha da comida. “Você e eu nunca comemos do mesmo prato”, dirá um castelhano a outro para manter distância e hierarquia. Dificilmente um muçulmano aceitará comer do mesmo prato que o seu primo cristão se vir que o que este está a comer é, digamos, um outro primo ...

De repente, nove anos mais tarde, compreendi que tenho boas razões para não gostar de Boffa desde que lá fui pela primeira vez em 1992 e que não tenho de me sentir culpado por isso. Com a certeza de um raio, compreendi que tenho direito a gostar da alteridade humana. Gosto das pessoas que não comem macacos porque os consideram nossos primos, por estranha que soe esta teoria (no fim de contas, não tão estranha para mim, senão não me sentiria tão satisfeito com ela). Gosto da diversidade e de partilhar comida com gente diferente, mesmo que tenha de seleccionar discretamente o que ponho no meu prato, para não ofender ninguém. Viajei mesmo ao coração da religião católica, na costa da Guiné, um dos pontos nevrálgicos onde hoje em dia esta se encontra de forma mais clara com a religião muçulmana, e comprovei o quão incapacitado está o catolicismo para estabelecer um diálogo inter-cultural e inter-religioso, por muito que

goste de falar nele. E pensei que, por muito convencido que o bom católico esteja de que a sua religião “universal” é exportável a todos os cantos do universo, a ciência ensina-nos que tudo neste mundo tem os seus limites. Pensei, por exemplo, que se porventura chegassem missionários católicos ao planeta dos macacos, a minha experiência etnográfica dá-me sólidos fundamentos para suspeitar que não demorariam lá muito tempo*.

* Traduzido do castelhano por João Vasconcelos.